

CONSELHO EDITORIALM. F. DO NASCIMENTO BRITO
Presidente**REDAÇÃO**MARCELO PONTES
Editor**SISTEMA JB**SERGIO REGO MONTEIRO
Vice-PresidenteWILSON FIGUEIREDO
Vice-PresidentePAULO TOTTI
Editor ExecutivoMARCELO BERABA
Editor ExecutivoORIVALDO PERIN
Secretário de Redação**JORNAL DO BRASIL**
HENRIQUE CABAN
Diretor Executivo

Eleição Virtual

O retrato revelado pelas pesquisas eleitorais mostra um momento em que apenas políticos da oposição fazem campanha e, mesmo assim, cantam vitória num jogo que ainda não começou. Com a política em recesso, as pesquisas ocupam virtualmente o espaço do debate real, sinalizando oscilações naturais e dramatizando tendências que camuflam artificialmente a prevalência da indecisão, e ocultam o peso dos índices de rejeição.

Os candidatos da oposição começaram no ponto culminante e, antes que as urnas falem, se vangloriam com a vantagem efêmera. A reação emocional ao esfriamento do ritmo de crescimento econômico – devido às medidas de austeridade fiscal – combinou-se a fatores conjunturais criando a ilusão de que o eleitor não perceberia que o governo evitou que a estabilização econômica ruísse sob o impacto da crise especulativa.

Quando o presidente da República, hoje alvo de investidas eleitoreiras combinadas, entrar em campo, a correlação de forças vai mudar. A tática contestatória, as acusações demagógicas, os maniqueísmos panfletários, os moralismos de ocasião serão neutralizados pela reafirmação de um programa que está mudando o Brasil para melhor. E o Brasil sabe disso. A oposição prefere ignorar a transformação e ameaça levar os brasileiros de volta a um país que não deixou saudades.

Em contraste com o cenário de sonho, será explicitada a rejeição à ausência de propostas concretas do que se considera oposição. Como disse em artigo o professor Alberto Carlos Almeida, os candidatos da oposição “insistem em defender propostas que não contam com a simpatia do eleitorado nem dos investidores”. Como, por exemplo, a defesa anacrônica de moratória da dívida externa, no exato momento em que o país rejeita a reputação de caloteiro e recupera seu crédito.

O calendário da campanha fixará a hora de julgar as alternativas visíveis: o retorno ao estatismo, a reavaliação das privatizações, a desvalorização do real, o ceticismo internacional, a volta da inflação, o êxodo dos investimentos, a complacência com as ocupações, a aposta no abismo, a xenofobia como atmosfera de governo. Impossível esquecer o recado ameaçador de João Pedro Stédile à comunidade financeira internacional: “Não venham para o Brasil!”

A oposição demonstra memória fraca, pois neste mesmo mês, há quatro anos, Lula tinha a preferência de mais de 40% nas pesquisas de opinião, enquanto fazia comícios triunfais pelo país, mas num universo de 30% do eleitorado. Murchou de uma hora para a outra, por não ter acreditado no real nem levado a sério o desejo do Brasil profundo. É possível que o momento fotografado pelas pesquisas de hoje – tão cambiante como os céus nublados – reflitam o apogeu do potencial oposicionista, na medida que a retomada do crescimento, a redução da taxa de juros e do desemprego nunca ajudou os que apostam na crise.

Não há nada que o eleitorado tema mais do que a incerteza de rumos, a desorientação ideológica, as decisões econômicas temerárias, as guinadas de orientação. O desprezo pela atividade política (pelos 300 picaretas, na expressão de Lula) e a tentação de governar por cima do Congresso é outro pesadelo que o país quer evitar, depois de tê-lo vivido com Jânio e Collor.

Não há exploração oportunista da seca ou das queimadas que esconda o frio na espinha do eleitorado ao ver a oposição brandir idéias que faliram e defender regimes que deram errado em todos os quadrantes do planeta. Essa é a imagem que predominará na hora do debate e de colocar o voto na urna.